

O FAIR PLAY E AS CARACTERÍSTICAS SÓCIO- AFETIVAS DOS ALUNOS

Michelle Rodrigues Ferraz, Eliane Glória Reis da Silva Souza, Walmer Monteiro Chaves

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir a importância do desenvolvimento do fair play nas aulas de Educação Física. O problema está centrado na verificação de diferenças, no que tange ao fair play, entre alunos do 6º e do 9º anos do ensino fundamental, frente às distintas características sócio-afetivas entre as faixas etárias em questão. A amostra é constituída de trezentos e noventa e seis alunos, de ambos os sexos, da E.M. Cecília Augusta dos Santos / Itaboraí-RJ. O instrumento utilizado é um questionário para a apuração do fair play, estruturado na escala de Lickert, com variação de seis a trinta pontos. Frente aos resultados apurados, não ocorreram diferenças significativas, pois em ambos os casos os alunos manifestaram uma forte predominância do fair play (6º ano=24,45 e 9º ano=24,57) e uma fraca tendência à não existência do fair play (6º ano=12,95 e 9º ano=11,71). Os procedimentos didático-pedagógicos estruturados em princípios do fair play são de suma importância para a formação da cidadania dos alunos pautada na ética, moral e estética.

Palavras-chave: Fair Play; Escola; Aspectos sócio-afetivos.

ABSTRACT:

The present study has, as objective, to discuss the importance of the fair play development on the Physical Education classes. The problem is centered on the differences verification, on what concerns the fair play, among the 6th and 9th students from the elementary school, against the distinct social affective characteristics among the discussed age-group. The sample is constituted by three hundred ninety-six students, both sex, from E.M. Cecília Augusta dos Santos / Itaboraí-RJ. The instrument used is a questionnaire to the fair play achievement, organized on Lickert scale, with six to thirty points range. Against the achieved results, were not observed significant differences because in both cases the students demonstrated a strong fair play benefit (6th year =24,45 e 9th year =24,57) and a weak tendency to a lack of fair play (6th year =12,95 e 9th year =11,71). The didactic pedagogic proceedings organized on the fair play principles are of great importance to the students citizenship formation, lined on ethic, righteous and esthetic.

Key-words: Fair play, school, social affective aspects.

INTRODUÇÃO

A prática de atividades físicas exercidas com regularidade por jovens, pode contribuir para a inclusão e integração destes na sociedade e, por estarem em formação, a orientação educativa deve estar pautada nos compromissos ético, moral e estético. As conseqüências sociais positivas oriundas de uma prática de atividades físicas orientada e estruturada em princípios pedagógicos e educativos é, de certa forma, desejada pela sociedade em geral, uma vez que, nota-se a existência de uma inversão de valores em vários setores acarretando conseqüências prejudiciais para os indivíduos.

O conceito de fair play está associado à idéia de condutas pautadas na honestidade, lealdade, respeito mútuo, tolerância às diferenças, cumprimento das regras, enfim, traduz-se na própria ética esportiva.

Desenvolver o fair play com os alunos nas aulas de Educação Física significa transmitir valores construtivos e exercitá-los no desenrolar do processo ensino-aprendizagem. Espera-se que estes valores sejam introjetados e passem a fazer parte da identidade e da personalidade dos alunos que, por sua vez, tornem-se propagadores destes princípios na sociedade.

O objetivo da pesquisa é discutir a importância do desenvolvimento do fair play nas aulas de Educação Física e verificar se existem diferenças entre alunos do 6º e do 9º anos do ensino fundamental, face às características sócio-afetivas entre as faixas etárias distintas e pelo fato de ser o primeiro contato das turmas do 6º ano com a disciplina.

O problema do presente estudo está centrado na seguinte questão: existem diferenças significativas, no que tange ao fair play, entre alunos do 6º e do 9º anos do ensino fundamental?

Ressaltamos a importância do desenvolvimento do fair play nas aulas de Educação Física, objetivando a formação de futuros cidadãos éticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, igualitária e democrática.

FAIR PLAY

O fair play como um valor de bom comportamento no jogo não é uma invenção moderna da sociedade, uma vez que pode ser encontrado, enquanto comportamento desejável, em sistemas de jogos de várias sociedades em diferentes épocas da história humana.

Segundo Reis e Teixeira (2005), foi na Grécia Antiga que os jogos olímpicos nasceram e os campeões das provas daquela época eram valorizados e honrados pelo povo recebendo premiações e os louros da vitória. O povo grego cultuava o físico, a beleza estética e as competições ocorriam com honra aos deuses e o mérito era recompensado por meio de símbolos representativos de glória e engrandecimento pessoal. Em 394 d.C., após inúmeras guerras e o domínio romano, Teodósio I extinguiu os jogos. E foi o pedagogo francês Pierre de Freddy, conhecido como Barão de Coubertin, que teve um papel essencial na retomada dos jogos olímpicos da era moderna. O fair play de Coubertin representava a honra e a lealdade, o respeito pelos outros e por si próprio, acima de tudo a conduta pautada na ética, sendo que esses valores refletiam um pensamento daquela época.

Para Gomes e Constantino (2004), a filosofia do Olimpismo tem como foco não somente os atletas de elite, mas todos; não somente o período dos jogos olímpicos, mas toda a vida; não somente competir e vencer, mas participar e cooperar; não somente o esporte como uma atividade, mas também como uma influência que pudesse contribuir desejavelmente para a formação e o desenvolvimento da personalidade e da vida social.

O fair play aparece na filosofia do Olimpismo como valor moral central de conduta no campo esportivo, contudo, desejável que seja estendida para todas as esferas de interação da vida social. Na sua tradução, fair play quer dizer jogo limpo, honesto, legal e correto. Reflete uma atitude geral com relação ao esporte e na própria vida, envolvendo respeito pelos outros, modéstia na vitória, serenidade na derrota e generosidade. (ibid)

A idéia de fair play como atitude de um bom comportamento está associada ao ethos cavalheiresco de aristocratas da Inglaterra do século XIX, o que significa dizer, ao ideal de um homem nobre, gentil, controlado, honrado e honesto. (ibid.)

O meio esportivo e a mídia atual tem exercido um papel questionável, ora valorizando a ação honrada e ética do atleta, ora enfatizando a necessidade do atleta agir visando levar vantagem por meio de uma conduta duvidosa. A mídia por ter percebido a importância do esporte-espetáculo, vem investindo em informações, notícias e propagandas sobre esportes em geral, algumas vezes sobressaltando a qualidade do atleta que atua com ética numa determinada situação, e por vezes tem fomentado atitudes e valores antidesportivos, à medida que, é crescente o distanciamento dos praticantes em relação aos ideais do fair play.

O fair play deve ser desenvolvido com os alunos não só teoricamente no campo dos debates, mas principalmente durante as atividades praticadas nas aulas. É comum observarmos os alunos praticarem algum tipo de violência ou tentarem burlar as regras do jogo para benefício próprio ou da sua equipe, reproduzindo, por vezes, alguns fatos ocorridos no esporte de rendimento transmitido pela mídia. A intervenção do professor é de suma importância no sentido de fazer o contraponto aos contravalores propagados, para que os alunos não os introjetem na sua formação.

Rios (2002) afirma que um profissional competente deve estar comprometido na transmissão de valores que possam interferir na realidade e na organização e transformação da sociedade. A competência docente não se resume à pura transmissão direta de conhecimentos, mas inclui o conjunto de dimensões técnica, estética, ética e política.

Segundo Darido (2005, p. 180), na escola, “o esporte-educação tem por finalidade democratizar e gerar cultura pelo movimento de expressão do indivíduo em ação como manifestação social e de exercício crítico da cidadania, evitando a exclusão e a competitividade exacerbada”. Deve-se refletir

criticamente em função de aspectos envolvidos no esporte, como a utilização de doping, a corrupção, a violência, e outros fatos presentes neste cenário.

“O acesso aos conhecimentos da Educação Física deve constituir-se em direito e instrumento de transformação individual e coletiva, na busca da superação das desigualdades sociais, do exercício da justiça e da liberdade, da constituição de atitudes éticas de cooperação e solidariedade”. (ibid, p.38)

O conceito de fair play não pode ser reduzido ao respeito às regras do jogo, mas sim estar acima delas, a partir da consciência de que respeitar as regras é aderir ao jogo visando o seu bom andamento. Dentro dessa idealização de conduta moral, o comportamento desenvolvido no jogo deve ser transferido para situações da vida cotidiana. (TOJAL, COSTA e BERESFORD, 2004)

A Educação Física na escola deve propiciar a formação do aluno autônomo, capaz de analisar um jogo criticamente, no que tange ao cumprimento das regras, à violência, ao uso de anabolizantes, às reclamações acintosas com arbitragens, às informações veiculadas pela mídia, às condutas antidessportivas com colegas, adversários, técnicos e torcedores, dentre outras posturas inadequadas.

Uma perspectiva pedagógica importante é despertar nos alunos a importância da utilização dos princípios do fair play nos seus momentos de lazer dentro ou fora da escola. Um jogo pode realizar-se sem a presença do professor ou árbitro se os jogadores se imbuírem da missão de acatarem as regras, tendo em casos de conflitos a solução pelo diálogo e honestidade. Porém este mesmo jogo pode ser interrompido ou não acontecer, caso os jogadores não cumpram as regras estabelecidas e não consigam mediar as situações conflituosas.

As questões relacionais devem ser valorizadas durante o exercício prático do fair play nas aulas de Educação Física, visando à interação e ajuda mútua do grupo. Para Machado (2006, p.24) “... a integração numa equipe, a aquisição do saber fazer, a elaboração da atitude do saber estar e as interações intergrupais favorecem a formação da personalidade da criança quando existe uma vinculação profunda e séria entre os componentes do grupo”.

Segundo Behrens (2006, p.28) a dimensão interpessoal implica superar atitudes indevidas que se fazem presentes na sociedade. “Neste contexto, cabe ao processo educativo a tarefa de promover uma cultura de solidariedade, de justiça, de participação, de respeito aos demais e às suas diferenças, bem como de defesa dos seres humanos”.

“A visão ética precisa ser vivida e o exemplo dos adultos serve como parâmetro para os jovens, portanto, exige mudanças de atitudes e comportamentos na convivência dentro da sociedade. A proposição é formar o aluno para atuar como cidadão responsável por si mesmo e por sua comunidade”. (ibid, p.18)

Para Morin (2005, p.29), “as sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e idéias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam domesticar as idéias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla”.

Baseado na afirmativa acima, os homens poderiam através da reflexão e ação crítica repudiar os contravalores expostos pela sociedade e não deixarem que eles predominassem nas relações sociais. Se nos reportarmos ao fenômeno esportivo as ações e atitudes que ferem os princípios do fair play deveriam ser rejeitadas pelos indivíduos e não serem praticadas por estes, porém, por vezes, presenciemos justamente o contrário. Se os homens apenas reproduzirem as idéias e ações presentes na sociedade, de forma acrítica e alienada, correm o risco de se tornarem objetos de sua própria história; se por outro lado, contribuirão de forma crítica e atuante na construção de uma sociedade pautada em valores morais, éticos e de justiça e igualdade estará assumindo uma postura ativa e de artífice de sua história.

Tubino (2001) afirma ser necessário um “novo espírito esportivo”, onde o esporte nas suas funções sociais e culturais, terá que ser orientado por valores morais nas suas relações com os diferentes sistemas sociais.

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-AFETIVAS – 6º ANO – 11/12 ANOS

Segundo Osterrieth (1972), a partir dos dez anos pode-se verificar uma real sensibilidade e convicção moral na criança, com incontestáveis esforços no sentido da lealdade e da veracidade; ela

regula e controla seu comportamento de acordo com as exigências do meio externo, porém vai construindo um quadro de referência pessoal que ajuda a definir-se e a orientar-se nas suas condutas.

Para o autor acima citado, nesta faixa etária existe uma tendência à coerência, à estabilidade, à unidade e à continuidade do comportamento, sempre com esforços para adequar-se às regras morais; a criança submete suas elaborações e pensamentos a uma autocrítica mais cerrada; possui senso de dever, do que deve fazer ou do que “deveria ter feito” no sentido do acerto.

Bee (2003) destaca que frente às descrições dos outros as crianças começam a enfatizar traços ou qualidades internas; surge a preocupação em ser um bom menino e uma boa menina, bem como, a necessidade gregária, destacando a capacidade de colaborar e a importância de estar no grupo e de fazer algo junto com outros.

A partir dos doze anos amplia-se a disciplina pessoal e a contribuição para a imagem ideal que a criança fará de si mesma. Surge a estabilidade de humor e características de equilíbrio emocional, de segurança e de certo controle sobre situações. (ibid)

Segundo Piaget (CHARLES,1975; DAVIS e OLIVEIRA,1994; BUENO,1998; GALLAHUE e OZMUN, 2003), nesta faixa etária as crianças estão no “estágio das operações concretas”, quando operam sobre as situações de forma concreta, real e pela razão; possuem maior senso de responsabilidade e compreensão das conseqüências dos seus atos; independência aprimorada e afirmação da identidade; neste estágio faz-se presente o “jogo de regras”, em grupos.

Neste período, o jogo assume formas regradas, com as crianças sendo capaz de compreender e obedecer a regras que organizarão toda a sua vida e suas implicações sociais. Da mesma forma, surgem os jogos de construção, demonstrativos de uma maior capacidade cognitiva, que será utilizada em estratégias de relacionamento mais adequadas sob o ponto de vista social. Amplia-se a capacidade de avaliação do real e da moral autônoma, que permitirá criticar o mundo adulto ao seu redor. (ASSUMPÇÃO JÚNIOR, 2003)

Para Freire e Scaglia (2003) quanto às questões morais é recomendável que o pensamento reflexivo seja contemplado com oportunidades de criticar e reformular suas normas de conduta em grupo.

No que tange às questões sociais, “a inserção no grupo, o sentimento de aceitação e a auto-estima dependem em boa parte, da participação do jovem junto de seu grupo”. No esporte surgem as várias oportunidades de constituir e discutir regras, de adaptar-se às características do grupo e do desejo de se sair bem coletivamente, bem como de socializar seus conhecimentos. (ibid, p.25)

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-AFETIVAS – 9º ANO – 14/15 ANOS

Segundo Osterrieth (1972), nesta faixa etária o humor torna-se mais variável, podendo ocorrer explosões brutais e curiosas alternâncias de comportamentos infantis e adultos; a partir dos treze anos o controle emocional torna-se mais problemático.

Bee (2003), afirma que nesta fase o adolescente escolhe amigos e tende a compartilhar e associar-se a grupos que possuam mesmos valores, atitudes e comportamentos; ocorre um aumento da necessidade gregária, de pertencer a um grupo, cujas atitudes sejam compartilhadas e até as aparências sejam semelhantes.

Pertencer a um grupo que possua as mesmas características e formas de agir, reforçam a identidade do adolescente e o ajudam a referenciar potenciais amigos e inimigos; participar de um grupo canaliza o adolescente para atividades e para relacionamentos específicos; neste período surge a preocupação com a opinião dos outros. (ibid)

Quanto aos transtornos de conduta, na adolescência aumentam consideravelmente os comportamentos delinqüentes ou anti-sociais, com gravidades nos fatos e constância dos episódios. Os amigos mais próximos tendem a compartilhar com as situações; os comportamentos-problemas incluem o uso de álcool e drogas, “matar aulas”, abandonar a escola, comportamento sexual precoce, dentre outros. (ibid)

Nos transtornos de conduta não podemos generalizar, como se todos os adolescentes passassem por eles necessariamente, porém devemos atentar para estes fatos no sentido de orientá-los e conscientizá-los dos riscos presentes em determinados comportamentos.

Para Teixeira (2006, p. 49), “nesta etapa da vida o jovem passa por grandes modificações físicas e comportamentais. Está criando sua própria identidade, sua personalidade e identifica-se mais com o grupo de amigos”. Não aceitam mais passivamente as orientações de seus pais, estando sujeitos a novos desafios e experiências.

Segundo Piaget (CHARLES, 1975; DAVIS e OLIVEIRA, 1994; BUENO, 1998; GALLAHUE e OZMUN, 2003), nesta fase ocorre o “estágio das operações formais” onde ampliam-se as relações sociais que formam a base para a vida social adulta e estruturada; as regras e leis devem ser moralmente certas e aplicadas com justiça, porém muitas vezes podem ser vistas como “erradas”.

Freire e Scaglia (2003) afirmam que ocorre bastante disposição para os questionamentos e o pensamento hipotético do adolescente faz com que ele passe a criticar toda a realidade que conhece e isto pode criar situações constrangedoras na família, na escola e com todas as pessoas do seu convívio social. A moral social passa a ser contestada e, por vezes, surge a necessidade de alteração das normas de conduta para a sua adaptação.

O comportamento emocional apresenta-se de forma contrastante, ora com comportamentos extremamente agressivos e, ora com comportamentos de recolhimento e passividade. Variam em momentos de extrema alegria à decepção, ao desapontamento, à frustração e à tristeza. (ibid)

O adolescente passa por crises potenciais em diversos planos, que podem determinar rupturas abruptas e profundas levando à requisição de valores e normas sociais, com tendências à transgressão destas regras. Porém nem todos os adolescentes adotam esta postura transgressora, alguns filiam-se às tendências conservadoras. As idéias e crenças dos adolescentes são normalmente pouco flexíveis, o que acaba por marcar um comportamento questionador; a disponibilidade para correr perigo e contrapor-se às instituições pode desenvolver atos de confronto com as regras estabelecidas ou na transgressão da lei / regras de condutas. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998)

A aproximação dos jovens aos grupos ou “tribos” é importante para a formação de suas identidades, porém alguns grupos manifestam a dimensão da violência promovendo a intolerância e brigas com grupos que formam outros estilos. (ibid)

Gallahue e Ozmun (2005, p.420), afirmam que os valores morais estão diretamente relacionados ao desenvolvimento do caráter e “a atividade fim pode contribuir positivamente na formação do adolescente, quando inserida na construção do caráter, espírito esportivo e jogo limpo”. Os adolescentes reagem sempre a uma autoridade coercitiva e podem mostrar-se muito disponíveis ou desinteressados pelo juízo e consentimento moral.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso de natureza sócio-histórica que busca estudar a existência do fair play em alunos do 6º e do 9º anos do ensino fundamental da Escola Municipal Cecília Augusta dos Santos / Itaboraí-RJ.

A amostra é constituída de trezentos e noventa e seis alunos, de ambos os sexos, sendo duzentos e trinta e três das turmas do 6º ano e cento e sessenta e três das turmas do 9º ano do ensino fundamental.

O instrumento utilizado é um questionário voltado para a apuração do fair play, estruturado na escala de Lickert, contendo doze questões, sendo seis delas associadas à existência do fair play e as outras seis, associadas à ausência do mesmo.

Os dados obtidos são enquadrados dentro de uma escala que varia de seis a trinta pontos. Os valores próximos ao índice seis refletem uma fraca existência do fair play ou não fair play e próximos ao índice trinta, uma forte predominância dos mesmos.

Para a apuração dos resultados será efetuada a estratégia descritiva conhecida por média aritmética, quando serão somados os pontos das questões associadas ao fair play e os pontos das questões associadas à ausência do fair play, dividindo-se estes dois resultados pelo número da amostra

composta pelos alunos das turmas do sexto e do nono anos, para que sejam feitas as devidas comparações.

Para os alunos das turmas do 6º ano, o questionário foi aplicado no primeiro dia letivo, pois estes não tiveram aulas de Educação Física nas séries anteriores.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com relação às turmas do 6º ano do ensino fundamental os resultados apontaram para a existência do fair play com um índice de 24,45 pontos na escala de apuração. Quanto às questões referentes à não existência do fair play este índice atingiu o valor de 12,95 pontos.

As turmas do 9º ano do ensino fundamental apresentaram um índice de 24,57 pontos na escala referente à existência do fair play e um índice de 11,71 pontos referentes à não existência do fair play.

Frente aos resultados apurados podemos destacar que em relação à amostra do estudo, não ocorreram diferenças significativas entre as faixas etárias pesquisadas, pois em ambos os casos os alunos manifestaram uma forte predominância do fair play (6º ano=24,45 e 9º ano=24,57) e uma fraca tendência aos aspectos voltados à não existência do fair play (6º ano=12,95 e 9º ano=11,71).

Apesar de existirem características sócio-afetivas diferentes entre os alunos das turmas pesquisadas, em função das faixas etárias, os resultados foram muito positivos no sentido da forte existência de fair play para ambos os segmentos escolares.

Um fato marcante para a análise dos resultados, é a utilização por parte dos professores de Educação Física da escola de procedimentos didático-pedagógicos centrados em aspectos relativos ao fair play com todas as turmas.

Estes procedimentos incluem a busca freqüente da superação dos conflitos existentes nas aulas, dentro de princípios éticos, morais e de cidadania; os objetivos das aulas voltados para um ambiente de respeito e aceitação das diferenças, propiciando a participação de todos os alunos, sem exclusões, dentro de uma perspectiva inclusiva; ênfase nos conteúdos de natureza atitudinal, baseados em valores de solidariedade, disciplina, cooperação, responsabilidade, fraternidade e justiça; conteúdos procedimentais voltados para o aspecto lúdico e sem competitividade exacerbada; preocupação com a formação biopsicossocial dos alunos; construção dos conceitos de vitória / acerto e derrota / erro, como sendo considerados situações naturais dentro do processo de aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo; incentivo ao exercício da prática social, fortalecendo as relações, contribuições, respeito às regras e aos indivíduos do grupo e conduta dos professores de acordo com seus discursos voltados para o fair play.

Os alunos do 9º ano do ensino fundamental, que estão numa faixa etária propensa a apresentar uma conduta mais desafiadora, questionadora e, por vezes, de transgressão às regras e resistência à figura da autoridade, apresentaram resultados voltados para o fair play. Este fato deve ser destacado e podemos inferir que o trabalho desenvolvido pelos professores com seus alunos, pautado em bases didático-pedagógicas centradas no fair play, contribuiu para os resultados positivos.

Os alunos do 6º ano do ensino fundamental estão numa faixa etária que apresenta uma conduta mais disciplinada, com esforços para adequar-se às regras morais. O resultado voltado para a existência do fair play também deve ser destacado neste caso, pois estes alunos nunca tiveram aulas de Educação Física nos anos anteriores na escola, confirmando assim as características sócio-afetivas gerais, dentro da idade cronológica dos mesmos.

O ensino de jogos e esportes na escola não pode estar distanciado de valores pedagógicos e ficarem apenas pautados nos conhecimentos técnicos. A abordagem deve ser mais ampla propiciando outros saberes essenciais à formação do jovem, uma vez que, estaremos contribuindo para a construção do aluno-cidadão e não o aluno-atleta. Na função de educadores temos o desafio de propagarmos o espírito esportivo não só no contexto escolar, mas em todas as áreas de atuação da Educação Física.

CONCLUSÃO

As aulas de Educação Física centradas em procedimentos didático-pedagógicos voltados para valores presentes no fair play, podem contribuir para uma formação ampla dos alunos, independente das idades cronológicas e das características sócio-afetivas relativas às mesmas.

Os professores de Educação Física devem ser os propagadores do espírito esportivo, visando tornar seus alunos cúmplices na tarefa de multiplicarem a prática de valores positivos frente à sociedade. Espera-se que os alunos ao introjetarem os valores presentes no fair play possam atuar frente aos fatos sociais de toda ordem dentro de preceitos éticos, morais e estéticos.

A prática pedagógica não pode ser destituída de valores e princípios básicos para a formação dos alunos. Ela deve ser fundamentada em reflexões sobre o que nos é transmitido pela sociedade e pela mídia e pelo que é verdadeiramente educativo.

A Educação Física deve contribuir para a transmissão de valores que permitam o convívio social igualitário, sem reproduzir as contradições e injustiças sociais e, para tal, deve produzir uma força disruptiva frente aos contravalores presentes com frequência em nosso meio.

O tema fair play pode ser desenvolvido de forma conceitual, proporcionando um trabalho centrado em perspectivas teóricas, com pesquisas, debates e análise de fatos ocorridos nos esportes e transmitidos pela mídia. Na forma procedimental e atitudinal, o tema deve ser colocado em prática nas proposições e ações executadas por professores e alunos, ou seja, o espírito esportivo deve fazer-se presente como um elemento constituinte do exercício da prática social nas aulas de Educação Física escolar.

O processo de aprendizagem deve considerar pressupostos básicos como a responsabilidade, a autonomia, o respeito mútuo e às visões antagônicas, a solução de conflitos de forma consistente, assertiva e democrática, a tolerância às diversidades, o reconhecimento e valorização das autoridades, a justiça e a paz.

A perspectiva da educação pela conscientização dos alunos e principalmente pela introjeção dos valores desenvolvidos na escola, não pode estar centrada apenas em lições de moral ou códigos definidos sem conexão com a realidade, mas sempre alicerçada por uma construção coletiva e democrática, que assegure a eficácia da proposta.

A formação de alunos críticos e reflexivos é um desafio no âmbito educacional, visando romper com o modelo de reprodução da ordem social vigente. Propiciar ao aluno o conhecimento de si mesmo e de suas relações interpessoais, bem como, uma leitura crítica do mundo, pode fomentar uma postura de ação autônoma e emancipada no sentido do questionamento e transformação dos valores presentes no meio em que vive.

Uma abordagem pedagógica reflexiva pode despertar nos alunos o desafio aos enfrentamentos da vida, visando a superação dos preconceitos, das exclusões, dos medos e angústias, da competitividade exacerbada, enfim, devemos atentar que os princípios que norteiam o fair play e a intervenção pedagógica afeta a todos os envolvidos no processo educativo e deve contribuir positivamente para a evolução individual e coletiva.

O professor deve aliar o seu discurso à sua prática, e se deseja ensinar o jogo limpo aos seus alunos também deve “jogar” da mesma forma, atuando com firmeza, transparência, justiça e honradez no exercício de sua profissão. Machado (2006) ressalta que o professor serve de modelo de referência para a formação dos alunos e cabe a ele a educação escolarizada, abalizada pelos valores morais e sociais que permeiam as escolas.

O fair play pode desencadear na escola um projeto interligado com outras disciplinas, proporcionando a transversalidade do tema e um trabalho interdisciplinar. Esta possibilidade pode basear-se na realização de um trabalho com múltiplas abordagens, visando ampliar a compreensão e as possibilidades de intervenção dos indivíduos no seu meio social, em várias áreas de atuação, almejando uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

A escola tem uma difícil responsabilidade de contrapor aos contravalores presentes na sociedade e propagados pela mídia. A Educação Física, como componente curricular, não pode eximir-se desta tarefa e, para tal, o tema fair play pode contribuir positivamente para os ideais construídos

coletivamente dentro dos muros da escola, objetivando a ampliação e a projeção dos mesmos para fora, tendo os alunos como parceiros e agentes multiplicadores desta nobre missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. **Tratado de psiquiatria da infância e da adolescência**. SP: Atheneu, 2003.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BEHRENS, M.A. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos PCNs**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BUENO, J.M. **Psicomotricidade**. SP: Lovise, 1998.

CHARLES, C.M. **Piaget ao alcance dos professores**. RJ: Ao Livro Técnico, 1975.

DARIDO, S. C ; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. RJ: Guanabara Koogan, 2005.

DAVIS, C. e OLIVEIRA, Z.M.R. **Psicologia na educação**. SP: Cortez, 1994.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A.J. **Educação como prática corporal**. SP: Scipione, 2003.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. SP: Phorte Editora, 2003.

GOMES, M.C; CONSTANTINO, M.T..Esporte, ética e intervenção no campo da Educação Física.In: TOJAL, J.B. (org.). **Ética profissional na educação física**. RJ: Shape, 2004, p. 223-234.

MACHADO, A.A. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. RJ: Guanabara Koogan, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10 ed. SP: Cortez; Brasília - DF:UNESCO, 2005.

OSTERRIETH, P. **Introdução à psicologia da criança**. 8 ed. SP: Editora Nacional, 1972.

REIS, J. C. F.; TEIXEIRA, C. **Atletismo – da brincadeira ao alto rendimento**. RJ: Editora Nitpress,2005.

RIOS, T. A. **Ética e Competência**. SP: Editora Cortez, 2002.

TEIXEIRA, G. **Transtornos comportamentais na infância e adolescência**. RJ: Editora Rubio, 2006.

TOJAL, J. B. (org); COSTA, L. P.; BERESFORD, H. **Ética profissional na Educação Física**. RJ: Shape: CONFEF, 2004.

TUBINO, M.J.G. **Dimensões sociais do esporte**. 2ed. SP: Cortez, 2001.